

a casa-de-farinha, na jornada que principiava com a madrugada e se estirava até o pôr do sol. No 19, desceu para as pancadas do mar e esbarrou em Mossoró, onde foi engraxate, lavador de pratos em restaurante, vendedor de pão e caixeiro de bodega do mercado público. Já taludo, desasnou-se em modesta escola noturna, fez depois o curso normal e saiu professor primário em 1925. Descoberta sua vocação, exerceu-a a vida quase toda, até que se fez bacharel em direito lá para as bandas das Alagoas. Depois, como Juiz no Apodi, ensejou-se-lhe a oportunidade de escrever os muitos livros de sua lavra, quase todos de história, biografia e memória, o último dos quais é arremate feliz de sua longa e profícua trajetória. Oswaldo Lamartine, que apreciou a obra em bem lançado prefácio, disse tudo fala. E afirma que *A Sombra dos Tamarindos* se constitui de "meia centena de estudos biográficos de viventes daqueles chãos na tinta indelével de pinhão bravo". Não somente isto, mas memorial legítimo, à custa do relato da vida alheia. Quando fala dos outros, Raimundo Nonato muito explica de si próprio e de Mossoró como um todo. É mais ele mesmo do que qualquer outra coisa ou pessoa, embora disfarçadamente, timidamente, manhosamente, como costumam fazer os nordestinos legítimos... Por isso é que Câmara Cascudo, sempre penetrante, inteligente e agudo, afirma que "foi possível a ressurreição pela substância sentimental de Nonato, dando a todos calor, movimento e voz, recursos misteriosos da Vontade teimosa e doce". E não se conteve o grande historiador e folclorista, pedindo as bênçãos de Deus para o autor dessa obra, *Ventania do Martins, Poeira doirada de Mossoró, Coração de Anjo, Diabinho do Paraíso*.

Malgrado os tropeços de uma revisão descuidada *A Sombra dos Tamarindos* é livro que recomendo sem susto, pois os episódios nele narrados, locais embora, são universais e humanos, como universal e humana é a comovente mensagem de seu autor, prova do espírito democrático da sociedade brasileira, em que se ascende do mínimo ao máximo.

No Mundo da Ficção Científica

Chega-me, por mãos amigas, exemplar do último romance do paulista-brasiliense Almeida Fischer, espécie de ficção científica que foge, entretanto, ao fantasmagórico das obras congêneres (*O Rosto Perdido* 2.^a edição, Editora Record, Rio de Janeiro, 1978).

Conheço o autor por apresentação ligeira feita pelo mesmo amigo que agora nos reaproxima através da leitura da obra acima referida. Conhecimento desta vez mais profundo, unilateralmente embora, não me posso furtar ao dever de ofício de cuidar e ao prazer de falar desse curiosíssimo romance.

Estudou introdutoriamente essa obra de ficção, quando do lançamento de sua 1.^a edição, Flávio Macedo Soares, lembrando-nos então, logo no início de seu trabalho de apresentação, que “o personagem principal deste livro é Fábio Alves, homem de letras, casado e habitante de Brasília”. E já aqui ponho as minhas dúvidas, que aliás serão também as do ensaísta, quanto à principal figura do romance, que mais me parece ser Oscar do Carmo Fabiano, jovem estudante de engenharia na Universidade da Capital Federal, vitimado em escaramuça de universitários com a Polícia.

Esclarecida fique a razão desta minha opinião. Fábio, homem maduro, falece em desastre automobilístico. Mas, ainda no hospital, retiram-lhe o cérebro para ser implantado em Oscar, jovem universitário também vitimado no mesmo dia e necessitando desse transplante para sobreviver. O corpo de Fábio é sepultado à vista dos parentes e amigos, com todas as honras de intelectual conceituado que era, enquanto o de Oscar, após melindrosa operação cirúrgica, sobrevive para alegria de seus pais e colegas, à custa do cérebro do outro. Ao voltar a si, porém, Oscar não mais pensa como dantes, quando era estróina, libertino e irresponsável, mas se comporta, pelo menos durante algum tempo, sensata e maduramente. Desse conflito, que envolve não só o sobrevivente (Oscar ou Fábio?), mas os amigos de ambos e suas famílias, Almeida Fischer aproveita o máximo que se pode tirar dessa ousada concepção artística, que pode e até deve ser classificada como obra de ficção científica, porém com a particularidade de que, em tempos mais ou menos remotos, poderá ser esplêndida realidade.

A trama do romance é de tal forma bem urdida que aquele crítico de sua 1.^a edição procura de logo corrigir a taxativa afirmação inicial de seu estudo, quando em dúvida fica referentemente à corporificação em Fábio (ou talvez em Oscar) da experiência de Almeida Fischer. Para mim — insisto — é Oscar quem comanda toda a teia dessa ousada concepção artística, muito embora seu corpo esteja apenas emprestado a Fábio, ao menos na fase final da estarrecedora descoberta que a híbrida personagem faz de si própria. No fim

de tudo, percebe-se que Oscar não cedera apenas sua aparência exterior, porém modificara o próprio comportamento de Fábio, num arremate absolutamente imprevisível.

As indagações que os leitores dessa obra podemos formular no desenvolvimento da estória forçaram-nos a diversas conclusões, muitas das quais idênticas às do crítico Flávio Macedo Soares. Quem sabe se, muitas vezes, ao tentarmos preservar algo que nos parece merecedor de sobrevivência, não trabalhamos no sentido da total destruição do que almejamos salvar? Aconteceria, no caso, a reprodução da lenda do aprendiz de feiticeiro, que descobrira a maneira de fazer o feitiço mas esquecera de aprender a fórmula de desfazê-lo. Sob outro aspecto, a personalidade humana é, por sua própria natureza, tão complexa que o lúcido cérebro de Fábio vai-se deixando envolver pela situação criada à sua revelia, a ponto de passar a amar filialmente os pais daquele em cujo corpo seu cérebro fora implantado, sem esquecer entretanto sua família ainda enlutada. E já então tem início uma reversão incontrolável, em que Fábio, cidadão responsável e respeitável, vai aos poucos madificando seu comportamento e parecendo cada vez mais com o leviano e lúbrico estudante, ao ponto de, ao final, numa atitude absolutamente inconcebível no equilibrado intelectual falecido e muito própria daquele Oscar aparentemente vivo, a híbrida personalidade explodir com palavras denunciadoras de um misto de sadismo e masoquismo ao saber que Oscar era incapaz de gerar filhos. Não se sabe se vingança contra si próprio (Fábio ou Oscar?), contra os pais deste último (que tanto desejavam um neto, fosse embora filho de Mariana, “viúva” de Fábio, ou de Isabel, amante de Oscar), contra a própria esposa de Fábio ou contra a amante de Oscar.

Tudo isto, que constitui final digno de um grande ficcionista, destaca essa indiscutível obra de fabulação científica dentre as congêneres. Afigura-se absurda, sim, a trama da obra; mas é algo irracional que poderá concretizar-se em tempo mais ou menos remoto, como já ficou dito aqui. E, sobretudo, é fábula que não se contenta em lidar com o fantasmagórico, mas realiza profundo e interessante estudo da alma humana, em luta eterna contra si própria, ora vencendo o anjo, ora o demônio que temos dentro de nós.

Bem razão cabe a Ledo Ivo, prefaciador da 2.^a edição do curioso romance, quando diz que “na fábula de Almeida Fischer, o animal homem encarna em si mesmo — isto é, num semelhante que exprime a sua diferença e antagoniza a miséria do outro que nele passou a habitar”.